

O templo de Moloch

Salammbô. Gustave Flaubert. Tradução de Pedro Tamen. Relógio de Água (pg 98-100).

“O templo de Moloch situava-se no sopé de uma garganta escarpada, num lugar sinistro. Lá de baixo apenas se avistavam umas altas muralhas que subiam indefinidamente, como se fossem as paredes de um monstruoso túmulo. A noite estava escura, uma bruma acinzentada parecia pesar sobre o mar. Este batia contra a falésia com um ruído de soluços e estertores; e a pouco e pouco desvaneciam-se sombras, como se tivessem passado através de muros.

Mas, mal transpunham a porta, achavam-se num vasto pátio quadrangular rodeado de arcadas. A meio erguia-se uma construção arquitectónica de oito faces iguais. Era encimada por cúpulas que se amontoavam em redor de um segundo andar onde assentava uma espécie de rotunda, da qual saía um cone curvado para dentro e que terminava com uma bola lá no alto.

Ardiam fogueiras em cilindros de filigrana, enfiados em varas que alguns homens empunhavam. Esses clarões oscilavam sob as rajadas do vento e avermelhavam os pentes de ouro que lhes fixavam à nuca o cabelo entrançado. Corriam e chamavam uns pelos outros para receberem os Anciãos.

No lajedo, intervaladamente, estavam acorados como esfinges leões enormes, símbolos vivos do Sol devorador. Mas, despertados pelos passos e pelas vozes, erguiam-se lentamente, dirigiam-se para os Anciãos, que reconheciam pelas vestes, e esfregavam-se-lhes contra as coxas arqueando o lombo com sonoros bocejos; o vapor do seu hálito passava sobre a luz das tochas. A agitação redobrou, fecharam-se as portas, todos os sacerdotes fugiram e os Anciãos desapareceram sob as colunas que formavam em redor do templo um fundo vestíbulo.

As colunas estavam dispostas de forma a reproduzirem pelas suas filas circulares, umas dentro das outras, o período saturniano que continha os anos, os anos os meses e os meses os dias, e tocavam-se no fim contra a parede do santuário.

Era ali que os Anciãos depositavam os seus cajados de chifre de narval, porque havia uma lei, sempre observada, que castigava com a morte aquele que entrasse na sessão com qualquer espécie de arma. Muitos tinham na parte de baixo da túnica um rasgão rematado por um galão de púrpura, para mostrarem bem que, ao chorarem a morte dos seus próximos, não haviam poupado as suas roupas, e este testemunho de aflição não deixava que a fenda aumentasse. Outros traziam a barba metida num saquinho de pele violeta atada às orelhas por dois cordões. Todos se abordaram abraçando-se peito contra peito. Rodeavam Amilcar, felicitavam-no; dir-se-iam irmãos que reviam um irmão.

Aqueles homens eram em geral atarracados, com narizes curvos como os dos colossos assírios. Alguns, contudo, pelas maçãs do rosto mais salientes, pela estatura mais alta e pelos pés mais estreitos, denunciavam uma origem africana, antepassados nómadas. Os que viviam constantemente encafuados nas suas tesourarias tinham o rosto pálido; outros conservavam em si como que a severidade do deserto, e as estranhas jóias lhes cintilavam nos dedos das mãos, tismadas pelos sóis ignotos. Distinguiam-se os navegadores pelo balanceio dos seus passos, enquanto os homens da agricultura cheiravam a lagar, a ervas secas e a suor de mula. Aqueles velhos piratas faziam lavrar os campos, aqueles arrecadores de dinheiro equipavam os navios, aqueles proprietários de culturas alimentavam escravos que exerciam ofícios. Todos eram sábios nas disciplinas religiosas, peritos em estratagemas, impiedosos e ricos. Tinham uma aparência fatigada por longas preocupações. Os seus olhos cheios de chamas olhavam com desconfiança; e o hábito das viagens e da mentira, do tráfico e do comando, conferia a toda a sua pessoa um aspecto de manha e de violência, uma espécie de brutalidade discreta e compulsiva. Por outro lado, a influência do Deus ensombrecia-os.

Começaram por atravessar uma sala abobadada com a forma de um ovo. Sete portas, correspondentes aos sete planetas, estampavam na parede sete quadrados de cores diferentes. Passada uma sala comprida, entraram noutra semelhante.

Um candelabro totalmente coberto de flores cinzeladas ardia ao fundo, e cada um dos seus

oitos braços de ouro erguia num cálice de diamantes um pavio de bisso. O candelabro estava colocado no último dos longos degraus que subiam para um grande altar, rematado nos cantos por cornos de bronze. Duas escadas laterais levavam ao seu vértice achatado; não se lhe viam as pedras; era como uma montanha de cinzas acumuladas, e havia qualquer coisa indistinta que fumegava lá em cima, lentamente. Mais para além, mais acima do candelabro, e muito mais acima do altar, erguia-se Moloch, todo de ferro, com o seu peito de homem onde bocejavam umas aberturas. As suas asas abertas estendiam-se pela parede, as mãos alongadas desciam até ao chão; três pedras negras, rodeadas por um círculo amarelo, figuravam-lhe na testa três pupilas e, como que para bramir, erguia num esforço terrível a sua cabeça de touro.

Em redor do aposento estavam dispostos escabelos de ébano. Atrás de cada um, uma haste de bronze assente em três garras erguia um archote. Todas aquelas luzes se reflectiam nos losangos de nácar que pavimentavam a sala. Esta era tão alta que a cor vermelha das paredes, subindo para a abóbada, se tornava negra e os olhos do ídolo surgiam lá no alto, como estrelas meio perdidas na noite.

Os Anciãos, tendo deitado sobre a cabeça a cauda da túnica, sentaram-se nos escabelos de ébano. Permaneciam imóveis, com as suas mãos cruzadas dentro das largas mangas, e o lajedo de nácar parecia um rio luminoso que, do altar em direcção à porta, lhes corria sob pés descalços.

Os quatro pontífices estavam no meio, costas com costas, em quatro assentos de marfim que formavam uma cruz: o sumo sacerdote de Eschmun com uma toga cor de jacinto, o sumo sacerdote de Tanit com uma toga de linho branco, o sumo sacerdote de Khamon com uma toga de lã fulva e o sumo sacerdote de Moloch com uma cor púrpura.

Amilcar avançou com o candelabro. Andou à volta dele observando os pavios que ardiam, e depois lançou sobre eles um pó perfumado; surgiram umas chamas violetas nas extremidades dos braços.

Levantou-se então uma voz aguda, outra respondeu-lhe – e os cem Anciãos, os quatro pontífices, e Amilcar de pé, todos ao mesmo tempo entoaram um hino; e, sempre repetindo as mesmas sílabas e reforçando os sons, as suas vozes subiram, estilhaçaram-se, tornaram-se terríveis até que, de repente, se calaram.

Esperaram algum tempo. Por fim, Amílcar tirou do peito uma pequena estatueta com três cabeças, azul como safira, e poisou-a à sua frente. Era a imagem da Verdade, o próprio génio da sua palavra.”